



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

**PRECONCEITO, MEDO E REPRESSÃO, DA INFÂNCIA A VIDA
ADULTA, NA CONSTRUÇÃO OU NA PERDA DA IDENTIDADE NO
UNIVERSO HOMOAFETIVO A PARTIR DA ANÁLISE DA SÉRIE
LARANJAS BAHIA**

Severino Felix Coutinho Junior

Universidade Federal de Campina Grande – dvidtalbat@hotmail.com

Noaldo Cardozo Dias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – noaldocardozo96@hotmail.com

Andréa Cristina do Nascimento Monteiro Souto

Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu – Andreamonteio@hotmail.com

Lucicléia Santos da Silva Andrade

Universidade Vale do Acaraú - luletty_bombom@hotmail.com

RESUMO

As grandes produções cinematográficas hoje também dividem espaço com as séries produzidas para televisão e internet, sejam por grandes produtoras ou até mesmo por diretores e pessoas desconhecidas, que, com uma câmera na mão também produzem o que chamamos de sétima arte. Elas vêm ganhando espaço, principalmente na internet, através de blogs ou canais de serviços de vídeos como a Netflix e o Youtube, e por sua vez, essas obras também desempenham papéis e se tornam veículos de discussão, protesto, além de armas potentes contra qualquer tipo de preconceito, como meio de reivindicação ou até mesmo diversão, de acesso livre a todos. Foi por um desses canais que tivemos acesso a série LARANJAS BAHIA. A presente pesquisa estuda a perda e o conflito de identidade no universo homoafetivo a partir dessa série produzida nas fronteiras do brejo paraibano. Trabalho de sucesso e produção, talvez não tão estrondosos como as grandes produções “hollywoodianas”, mas, que por esses novos canais de veiculações de mídia, nos chamaram atenção tanto pelo seu humor, mas também, pelo universo homoafetivo contido em sua produção, retratada brilhante mente pela personagem Baía, que em muitos momentos soa como relatos autobiográficos.

Palavras-chave: Conflitos, Identidade, Vídeos e Homoafetividade.

ABSTRACT

The major film productions today also share space with the series produced for television and the Internet, whether by large producers or even by directors and unknown people, who, with a camera in hand also produce what we call the seventh art. They have been gaining ground, especially on the Internet, through blogs or video service channels like Netflix and YouTube, and in turn, these works also play roles and become discussion of vehicles, protest, and powerful weapons against any kind of prejudice as a means of claim or even fun, free access to all. It

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

was one of those channels that we had access to ORANGES BAHIA series. This research studies the loss and identity conflict in homoafetivo universe from this series produced the borders of Paraíba swamp. Working success and production, perhaps not as loud as the big productions "Hollywood", but that by these new media placement channels, called the attention both for its humor, but also by homoafetivo universe contained in its production, portrayed brilliant mind for the character Bay, who have often sounds like autobiographical accounts.

PEREGRINAÇÕES AS TERRAS PROMETIDAS

“Eu vejo o Gay como um ator. Você vive personagens. Então você incorpora um personagem que é feliz e pronto, viva isso sempre.”

(BAÍA BAHIA)

Considerado como patriarca do judaísmo e do cristianismo, atravessou o deserto, enfrentou a morte, guiado por uma promessa em terras de faraós e cidades sagradas, encontra-se Abraão, um homem que conversava com Deus e que rumou a uma terra misteriosa e desconhecida, uma terra prometida aos setenta e cinco anos. Nesta caminhada Abraão é avisado por Deus, que Ele – Deus – destruirá duas cidades. Ló, seu sobrinho, que vivia em Sodoma, uma das cidades que seria destruída pela fúria de “Javé” recebe um aviso: *“Procure salvar-se, e não olhe para trás”*¹, e sai com sua família da cidade. A mulher de Ló, movida pela curiosidade, não resiste e olha para trás: *“Então Javé fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra; destruiu essas cidades e toda a planície, com os habitantes das cidades e a vegetação do solo. A mulher de Ló olhou para trás e se transformou numa estátua de sal”*².

A famosa estátua de sal é o nosso ponto de partida para conhecermos nosso Abraão ou Baía Bahia, personagem principal de nossa pesquisa. Baía quando pequeno passava horas folheando uma Bíblia ilustrada à procura da estátua da mulher de sal. Bíblia essa, comuns em casa de família de classe média das cidades do interior da Paraíba, que funcionava como uma espécie de *“Flos Sanctorum”*, onde eram contadas as famosas histórias, de pecado, de santos e mártires, e tinham como objetivo, catéquizar através dos exemplos de vida dos mesmos.

Uma imagem... uma imagem que eu guardo muito da minha infância. Era uma imagem da Bíblia. Sabe aquelas Bíblias grandes, ilustradas, douradas, assim... né, eu ficava folheando aquilo ali, e tipo, tinha uma parte da Bíblia que eu, que me chamava muito atenção. Uma estátua de sal. Volta e meia batia aquela curiosidade de abrir a Bíblia, e de ver aquela mulher de sal. Aquela estátua de sal. Alguma coisa eu lembro e alguém

¹GÊNESIS, 19:17.

²GENESIS, 19: 24-25-26.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

explicava:”- Olha é por que ela, ela errou, que a gente tem muita história de pecado, pecado é aquilo ali, ela pecou por isso que virou sal.³

Batizado pelos pais de Abraão de Souza Lima, mais conhecido como Baía, onde “falta sete pra cinquenta”⁴ (idade) como assim afirma em um dos episódios da Série Laranjas Bahia produzida por Ary Regis Lima, ambos nascidos e criados no município de Alagoinha, localizado na mesorregião do agreste paraibano situando-se, de forma mais precisa, na microrregião de Guarabira, conhecida como rainha da Borborema – distante 89km da capital João Pessoa. Localiza-se na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, é interligada aos municípios de Guarabira, Cuitegi e Alagoa Grande pela Rodovia "Margarida Maria Alves" – PB 075, e a Mulungu por uma estrada vicinal (terra batida). Cenário este escolhido para contar a história ou peripécias de Abraão, nome de personagem famoso das histórias bíblicas, grande patriarca e chefe familiar presente no Antigo Testamento. Mas também, que nomeia o personagem principal dessa série que desempenhara deslocamentos não tão longos, nem a pé, nem muitos menos por desertos, mas sim, à capital, também tida pelo nosso personagem como a terra prometida, onde seus sonhos e desejos poderiam ser realizados, assim como o seu xará famoso, Abraão caminhou até Canaã.

Como em qualquer interior ou cidade pequena, o sonho da maioria dos seus moradores ainda persiste na ideia de partir de sua cidade em busca de novas condições de vida e trabalho, de um futuro novo e promissor. Para Abraão sair do seu interior não era apenas a procura de novos horizontes, mas sim, a busca de sua liberdade e sonhos. Morar em João Pessoa era ter a certeza da quebra da barreira e da fronteira dos sentimentos e desejos que durante muitos anos ficaram reprimidos seja pelos olhos e acusações dos outros, ou até mesmo pelo próprio Abraão enquanto mecanismo de defesa contra o preconceito.

Homossexual assumido, ele relata em alguns dos episódios da série, que sofria preconceito desde a sua infância, mesmo que esse sempre se apresentasse de forma camuflada ou abertamente: “No... No nordeste, assim, no interior, numa cidade, naquela época, quando você é gay, ai diz assim: ‘- Ah ele é um menino’; ‘- Ah, ele é um artista’; ‘Ele é muito inteligente’”⁵ O universo homossexual e suas relações homoafetivas, apesar dos grandes avanços já obtidos por parte da comunidade GLSBT⁶ em nossa sociedade, ainda para muitos, e nas cidades do interior, principalmente em alguns casos, continua sendo visto como degeneração, doença, um tabu, por partes de algumas pessoas. A partir desses preconceitos

³ LIMA, 2012, Youtube.

⁴ LIMA, 2012, Youtube.

⁵ LIMA, 2012, Youtube.

⁶ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (Nota do autor).
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

existentes, são criados pelos indivíduos que compõem o determinado grupo, mecanismos de defesa, como forma de justificar suas atitudes, sentimentos, formas de agir e se comportar perante o meio social ao qual se encontra incluso. Assumindo assim posições e discursos que são construídos a partir da realidade em que estão inseridos, e não apresentando de forma una e clara os seus anseios, desejos e atitudes. Dessa maneira, à medida que se apresenta expondo sua opinião, tanto na forma de agir, como expressar-se é ir contra o padrão da ‘normatividade’ é, portanto, ser diferente e conseqüentemente excluído. Levando assim, muitos desses indivíduos a perda de sua identidade enquanto gênero- isso em alguns casos, obviamente – ou posicionamento social, e na forma de agir na sociedade em que vive. Isso na eterna busca pela aceitação de um determinado grupo que se julga “normal ou encaixado” em um determinado padrão pré-estabelecido enquanto norma de conduta e meio de aceitação social.

Foi partindo dessa ideia de quebra de padrão, de norma de conduta, onde a presente pesquisa mostra como a perda da identidade enquanto mecanismo de defesa, ou a mutação e até mesmo, adaptação, dessa identidade enquanto reflexo do vivido está presente e atrelada ao movimento de luta e aceitação da comunidade homoafetiva, a partir da análise da Série Laranja Bahia. Onde chamou-nos atenção tanto pelo seu humor, mas também, pelo universo homoafetivo contido em sua produção, retratado brilhantemente pela personagem Baía, que, em muitos momentos soa até como autobiográfico e nos revela como essa ideia da perda da identidade e adaptação ou adequação da mesma está tão presente e real nesse grupo, com a criação da sua “*personagem fria*”. Relatos esse, entre muitos, que nas entrelinhas dessa série apresentam como o universo homoafetivo é percebido pelos indivíduos que fazem parte do próprio grupo, e também, por aqueles que agora nessa realidade líquida e moderna pela qual estamos passando somos levados a perceber e aceitar. Aqui tomamos como base o episódio: Laranjas Bahia – De Repente dá Certo (Versão estendida exibida no CINEPORT 2011)⁷.

“LADIES AND GENTLEMEN”, SENHORAS E SENHORES, COM VOCÊS “A PERSONAGEM FRIA”

“Ehhh... todo mundo tem um amigo imaginário né na infância... eu tinha uma personagem fria, qualquer situação ela tinha que aparecer.”
(BAÍA BAHIA)

A Série Laranjas Bahia, produzida por Ary Régis de Lima para o seu canal do Youtube, que teve início com o episódio “Uma noite inusitada” não esperava alçar e romper as

⁷ LIMA, 2012, Youtube.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

barreiras da internet, pois o mesmo nos revela que começou a ideia dos vídeos, tendo como base o surgimento de séries e vídeos sem compromisso, voltados a exposição na internet: *“Quando comecei a produzir vídeos uma amiga da Irlanda havia me falado que já haviam diretores de cinema produzindo especialmente pra web. Que era cinema pra internet”*⁸. Aos poucos, o que começou apenas como diversão, foi ganhando espaço e chegou até o CINEPORT⁹ – 2011, onde o episódio “De repente dá certo” foi exibido e tornou-se material da presente pesquisa. Apesar do humor e de seu “quê” autobiográfico, a série expõe diversas realidades presentes na comunidade GLSBT. Discorre sobre toda uma problemática que revela o universo homoafetivo. Universo presente na série, voltado às questões de pertencimento e identidade de gênero. Tomando como base o conceito e a ideia de identidade construída por Bauman (2004) onde a mesma não é considerada estática e que se encontra em construção e adaptações, necessárias na modernidade.

Desde os primeiros momentos do episódio se percebe essa ideia de que a noção de pertencimento e identidade de Abraão – personagem central da série – é construída tendo como elementos a realidade do local onde o mesmo nasceu e as influências, sejam elas do meio sociocultural, como também preceitos de seguimentos religiosos, que permearam sua infância e vida até os dias de hoje.

Tornamos consciente de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastantes negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.¹⁰

Esconder, camuflar, reprimir, essas são as palavras-chave e imediatas que representam a convivência do homossexualismo perante uma sociedade que foi construída, principalmente, na base do patriarcalismo e da normatividade hétero. Mesmo se utilizando do discurso e do jargão de cidade interiorana, nos dias de hoje ainda somos constantemente bombardeados por informações provenientes de diversos meios e seguimentos, o próprio Abraão revela que não só antigamente, como nos dias de hoje, essa prática ainda existe, mas, que no passado ela era tida como uma forma paliativa, uma justificativa para fechar os olhos e não ver a realidade. “Artista” ou não, como o mesmo explica e como já foi citado anteriormente, o maior

⁸ Ary Régis de Lima – produtor do vídeo, em conversa informal (Nota do autor).

⁹ Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa (Nota do autor).

¹⁰ BAUMAN, 2005, p. 17, 18.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

preconceito começa dentro da própria casa, onde os familiares tentam colocar “panos quentes” ou até mesmo encobrir, camuflar, os desejos e características homoafetivas que começam a ser apresentados pelo homossexual desde a sua infância, na construção da sua identidade pessoal. *“Identidade pessoal não é uma substância, é um sentimento, o qual somente pode se configurar na pluralidade das ressonâncias da experiência”*¹¹. E as experiências vividas por Baía desde a sua infância é, marcada pela repressão e levada desde o princípio a não-aceitação da sua condição sexual, vista como imprópria e não admissível, na visão do outro.

*“Por que a maior discriminação é na família né. É em casa. Você sofre muito. Você não podia falar, você não podia ficar na sala com os amigos, quando chegava visita, o pai já botava pra dentro, entra. Psiuu... cale a boca, não pode, você vive limitadíssimo né. Você ia numa venda, na bodega, pra comprar alguma coisa, você num entrava pra pedir: ‘Olha, mim dê um quilo de açúcar’, entendeu? Já, já ali eu já tinha medo até de entrar, por que quando eu botava o pé, as pessoas já olhavam. Todos já olhavam... Só que não era só a voz, o primeiro passo que eu dava dentro da venda, eu já chamava a atenção. Eu não sabia. Ehhhtem essas coisas que você nasce muito ‘pintoso’. Aquilo ali, eu travava tudo, entendeu, dava uma trava, em movimentos robóticos. Eu entrava: ‘Mim dê um quilo de açúcar por favor’. Tentava até falar grosso menino”*¹².

“Pintoso” termo utilizado pela comunidade GLSBT para classificar indivíduos homossexuais “afeminados”, na utilização de outras nomenclaturas que classificam indivíduos que apresentam em suas características, jeito e formas de agir típicos de indivíduos femininos. Se pararmos para pensar um pouco, em uma cidade pequena, onde todos conhecem todo mundo, a um filho que é dado o nome de Abrão, possivelmente, o que se espera – enquanto pensamento dentro das regras da normatividade e do patriarcalismo, tão comuns de nossa sociedade – é que este determinado indivíduo cresça, reproduza, e principalmente constitua família, assim como dado o exemplo do grande personagem bíblico, e que foi homenageado: Abraão. Nesta perspectiva, a realidade apresentada foi outra.

Como aceitar? Como justificar? Os medos e anseios de culpas não se apresentam apenas dentro do cerne familiar, mais sim, individualmente, dentro do ser humano em questão, que por mais que tente, não tem como evitar, e os primeiros conflitos da não-aceitação podem ser percebidos e vivido pelo próprio indivíduo, que se culpa, que, de certa forma ainda não entende pelo o que está passando e de maneira nenhuma, quer desapontar ou envergonhar a família. Esse talvez seja um dos primeiros e principais dilemas vividos pelos homossexuais. Até mesmo antes de começarem a sofrer com os preconceitos que passam a vir de fora, da rua, sofrem primeiro em casa com a família. *“Você não podia pegar uma amiga*

¹¹Le Breton, 2009, p.120.

¹²LIMA, 2012, Youtube.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pra ir, pra ir outra cidade, por que os pais não permitiam. Pra num fica falada. Não ande com fulano, se não você vai ficar falada minha filha. Fulano é pedéra”¹³. “Pedéra” é um termo proveniente da palavra pederastia, que do grego designava um relacionamento erótico entre um homem e um menino, e era utilizado para designar o homossexualismo durante a ditadura militar enquanto doença psicológica.

Sabe, antigamente, quando os palhaços saíam na rua anunciando o espetáculo, que o circo chegou, é a mesma coisa quando o gay saía. E tinha uma. Não chamavam gay, era “vige, vige”. Saía aquela ruma de crianças atrás, fazia: “vige, vige...”. Por que era como chamava com a gente “Vige, vige”. Jogavam até pedra tá, até pedra jogavam na bicha. ¹⁴

Aos poucos o Abraão que foi concebido, esperado, vai perdendo espaço e terreno, e dele, enquanto uma metamorfose, produto do meio em que vive, começa a surgir Baía...no meio de preconceitos e repressão de ambos os lados, a Baía que também só vai ser aceita completamente pelo próprio Abraão anos futuros à frente é o cano de escape, ou o seu mecanismo de defesa e melhor forma de aceitação encontrada por ele: *“Ele é um artista, ele é um menino inteligente”¹⁵*. Qualidades que são observadas, usadas, e servem como forma de camuflar e justificar a aceitação por parte da sociedade, não apenas presente nos grupos de amigos e em todo o seu meio social. Ou seja, o trabalho dignifica o homem, mas também proporciona no universo homoafetivo a aceitação dos mesmos pelos serviços prestados de boa qualidade. Por essa ótica, a opção sexual escolhida já não passa a se apresentar como um problema ou barreira. Baía nos revela que sempre foi muito inteligente e desempenhava diversos trabalhos, desde decoração de eventos, venda no comércio e cortes de cabelo, que no futuro tornou-se sua profissão, mas sempre os executou de forma digna e que *“modéstia à parte sempre foi muito bom no que fazia”¹⁶* e não importava qual serviço ou trabalho fosse, o importante era que fosse digno e que desse dinheiro.

Mas em todos os momentos de sua vida a *“personagem fria”* estava presente. Entendemos aqui a personagem fria, como a Baía que sempre foi lutadora e encontrava uma forma de reagir a tudo, a todos, e até mesmo às dificuldades que a vida lhe impôs, nas mais diversas formas e meios que lhe foram apresentadas no decorrer de sua história, e afirma: *“Eu vejo o Gay como um ator. Você vive personagens. Então você incorpora um personagem que é feliz e pronto, viva isso sempre.”¹⁷* Ou seja, a cada dificuldade que se apresentava, a Baía assumia uma determinada identidade, pertinente a

¹³ LIMA, 2012, Youtube.

¹⁴ LIMA, 2012, Youtube.

¹⁵ LIMA, 2012, Youtube.

¹⁶ LIMA, 2012, Youtube.

¹⁷ LIMA, 2012, Youtube.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

diversidade do momento. *“Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria um presságio da incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo.”*¹⁸. E nosso mundo moderno, hoje é feito de oportunidades e escolhas.

As vivências desse personagem se apresentam constante em nossa realidade e no nosso meio social. Sempre nos deparamos com inúmeras situações onde sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Presente pelo grande e constante fluxo cultural que estamos envolvidos. E assim de certa forma, perder a identidade de Abraão é dar espaço a Baía, e aceitar a personagem fria como as posturas, ações e reações advindas do que ele vivia. Era a forma de vencer e passar o preconceito vivido. Essas relações de perda, ganho e negociações, vem sendo travada durante toda a nossa vida e não está apenas presente no universo GLSBT, *“dado que milhões de pessoas não mais são sujeitas em tempo integral de uma só cultura, devemos admitir que a versatilidade das identificações e das formas de tomar posição requer metodologias híbridas. Mas a hibridização não é indeterminação total e, sim, combinação de conhecimentos específicos”*¹⁹.

Conhecimentos esses adquiridos pelos modos de vida com que cada indivíduo se adapta, como forma de reação às condições a que são submetidos pelo seu meio social. Meio este que determina *“as condições de existência de cada classe, de cada cultura nacional e de cada gênero vão impondo inconscientemente um modo de classificar e experimentar o real. Quando os sujeitos selecionam, quando simulam o teatro das preferências, a rigor estão representando os papéis que o sistema social lhes fixou.”*²⁰. Dessa forma a *“personagem fria”* se apresenta como um reflexo da reorganização da identidade impulsionada pelo meio sociocultural a qual o indivíduo encontra-se inserido pelo choque ou união das culturas, e dos meios sociais que lhe foram submetidos com o tempo, no caso do nosso personagem – Baía – o universo pacato, recatado, da sua cidade-berço interiorana, e a liberdade oferecida pela grande cidade, a capital, João Pessoa .

Por que as pessoas quando sai do seu interior, que vai pra uma cidade grande, pra um lugar grande, vai para construir né, pra vencer, quer ter o seu carro, quer ter sua casa, quer fazer tudo (...) Mais eu não, eu queria só viver. Eu poder me assumir. De que você vai andar, num vai pensar que as pessoas tão olhando, que você é pintoso...

A coisa que eu mais, importava eu acho, era quando eu descia do ônibus em João Pessoa. Quando eu descia, eu descia e ali eu já, eu já era outra pessoa.

¹⁸ BAUMAN, 2008, p.59,60.

¹⁹ CANCLINI, 2006, p.189.

²⁰ CANCLINI, 2006, p.196.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A gente se priva de tanta coisa aqui, não vive, que quando sai vive tudo, mais tanto, com tanta intensidade num é? Que às vezes acaba se perdendo²¹.

Segundo Canclini (2006) “hoje, imaginamos o que significa ser sujeito, não só a partir da cultura em que nascemos, mas também, de uma enorme variedade de repertórios simbólicos e modelos de comportamento. Podemos cruzá-los e combiná-los”²². Estar na capital representava ter liberdade de viver, e para a Baía, apesar de suas características e modos de agir que lhes eram peculiares, era o que o diferenciava dos demais na sua cidade interiorana. Na capital, no fluxo, ele era mais um na multidão, tão diferente e ao mesmo tão normal e igual aos outros. Até mesmo, em determinados casos, apesar de sua postura, ele nem era notado, e sim, mais um na multidão de passantes, tão comum aos outros. Mas, mesmo estando na multidão, o mesmo se encontra sozinho e sem apoio, apesar da liberdade contida na grande cidade, ele era apenas mais um, como todos os outros, incluído ou não, de certa forma no meio social, mas que não incomodava, não chamava tanta atenção, como na sua pequena cidade. E mesmo na grande, ou na pequena cidade, ele se encontrava sozinho. Ele e a solidão, que sempre lhe fora companheira.

Eu me acostumei com a solidão e trato isso como uma coisa normal. Eu não sou só, eu tenho Dominique. Quando eu tô triste, se é que eu fico triste, ou quando eu me sinto só, aí eu brinco com Dominique, canto com Dominique, fecho pra lá e pra cá, aí passa, passa rápido, acendo um cigarro e esqueço tudo²³.

Ele não esquece as marcas do sofrimento e dos momentos de preconceito, e é nessa hora que a sua “personagem fria” estivera sempre presente, essas marcas são lembradas e construídas enquanto força e superação, e o mesmo vê que toda liberdade que tinha na grande cidade não refletia de maneira nenhuma, o universo de convívio de sua pequena cidade, que mesmo repleto de preconceito e sem apoio, pelos costumes e pela convivência do dia a dia, ele percebe que com sua personagem ele passava e vencias essas dificuldades, e ia construindo sua aceitação pessoal, em seu meio social.

A gente descobre que era feliz na nossa cidade, com preconceito, com a discriminação né. Nas nossas raízes, é como um amigo meu disse: ‘Nossa cidade de interior, onde a gente nasceu, é como se aquilo fosse uma família... As pessoas, a gente cresce com as pessoas vendo a gente, se acostumando com a gente, com defeitos, com qualidades, mas que é bem melhor que aqui’. Mas você só descobre que é bem melhor a tua cidade, quando você sai, sofre, que vive bem, que curte, mais sofre²⁴.

²¹LIMA, 2012, Youtube.

²²CANCLINI, 2006, p.201.

²³LIMA, 2012, Youtube.

²⁴LIMA, 2012, Youtube.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo utilizando o termo “perda de identidade” e de, realmente Abraão ter perdido o seu espaço e lugar para Baía Bahia, nota-se que mais do que a perda ou a substituição do Abraão pela a Baía, o que realmente ocorre é uma construção identitária adaptativa, que vai sendo construída e edificada à medida que as dificuldades, preconceitos, barreiras e limites vão sendo expostos e atribuídos no meio social do qual Abraão esta inserido. Sua “personagem fria” pode ser compreendida realmente como uma reação ou mecanismo de defesa volátil, que é necessário enquanto sobrevivência e reação advinda do choque social que é apresentado pela sua homossexualidade em relação a heteronormatividade presente em seu universo social.

A partida para capital, a busca da sua terra prometida e lugar da liberdade o faz voltar ao seu ponto de partida e concluir que, apesar de livre, na grande cidade, fora nas suas origens que aprendera a conviver com a sua diversidade e suas diferenças. Apesar do mesmo afirmar seu posicionamento igual à mulher de Ló como a estátua de sal. O seu passado, as suas origens foram essenciais na formação de sua identidade, e necessária para se adaptar aos momentos, para lutar pelos seus direitos e contra o preconceito que ia se apresentando em sua vida. Chegando a conclusão que não pode de forma alguma esquecer seu passado, de suas origens, e que elas foram e são necessárias, e ele também olhou muito para seu passado: “(...)hoje eu vejo que aquela estátua tem uma relação com a minha vida... por que eu olhei muito pra trás”²⁵. O passado e suas origens foram forças determinantes na sua formação, não apenas como pessoa, mas também, na formação de sua identidade

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido - Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. 1 .ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. 1 .ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. 1 .ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2006.

²⁵LIMA, 2012, Youtube.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LIMA, Ary Régis. **Laranjas Bahia - De Repente dá Certo** (Versão estendida exibida no CINEPORT – 2011). Série Laranja Baía. Canal Ary Régis Lima. Publicado em 7.fev.2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jMekqwayif8>>. Acesso em: 15.fev.2016.